

BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO ACERCA DE ECOMUSEU

Nereu do Vale Pereira

nereuvp@gmail.com

Cristina Maria Dalla Nora

cris.mdn@gmail.com

O ensaio tem como tema central uma abordagem museológica sobre ecomuseologia. O objetivo é mostrar uma discussão acerca do que é um Ecomuseu, expor um estudo de caso e repensar as ideias sobre essa tipologia museológica que teve o seu conceito criado nos anos de 1970 na França.

Palavras chave: Museu, Nova Museologia, Ecomuseu.

Intitulado “*Breve contextualização acerca de Ecomuseu*”, este ensaio centra-se na apresentação de uma discussão museológica sobre a temática. Tendo como objetivo mostrar uma abordagem acerca do que é um Ecomuseu, expor um estudo de caso e repensar as ideias sobre essa tipologia museológica que teve o seu conceito criado nos anos de 1970 na França.

Para introduzir a temática, primeiramente temos que conceituar o que é um museu e qual o seu papel para a sociedade. O termo vernáculo MUSEU, deriva do latim – *muséum* e do grego *mouseion*, e referente ao templo das Musas, lugar onde se exercitavam e procediam a estudos e memórias de caráter acadêmico. Resumidamente, espaço de preservação e difusão cultural.

Atualmente, os museus se caracterizam por serem instituições nas quais se integram coleções que são conservadas e expostas, seja objetos, documentos ou peças diversas que intrinsecamente possuem motivações culturais, históricas, antropológicas, científicas, naturais, curiosidades humanas. O homem é um ser inatamente curioso em perseguir as suas raízes antepassadas. Existe um grande número de abordagens conceituais sobre os museus e isso nos mostra a dificuldade de encontrar uma definição abranger todos os processos que o envolvem. O ICOM, Conselho Internacional de Museus da UNESCO durante a 22^a *General Assembly* em Vienna, Austria em 2007, definiu como,

“is a non-profit, permanent institution in the service of society and its development, open to the public, which acquires, conserves, researches, communicates and exhibits the tangible and intangible heritage of humanity and its environment for the purposes of education, study and enjoyment.”

Assim, um museu tem por escopo mostrar, oferecer ao interesse público em geral, informações sobre realidades circunstanciais, criação cultural, modos de vida de gerações passadas,

conteúdos naturais e um infinito número de respostas à curiosidade humana. É um centro de estudos, investigação e pesquisas atuando como pólo de atração de correntes turísticas culturais. (fenômeno universal massivo deste momento, de final do século XX e início do XXI).

Além dos “espaços especificamente criados para museus”, é de registrar que certos monumentos arquitetônicos, obras civis de estruturas singulares e arrojadas, igrejas e peças sacras, edifícios, viadutos, aquedutos, escavações de singular interesse, grutas e acidentes marcantes, construções da natureza; recebem, também, a classificação, em muitos casos, de museus.

Há, ainda, áreas consideradas museológicas com a presença de recursos naturais nos reinos, vegetal, animal e mineral, que são alvo de uma política de conservação preventiva, de estudos, pesquisas e explicações empíricas do mundo em que vivemos. Encontramos bibliotecas, discotecas, filmacotecas, pinacotecas, jardins botânicos e zoológicos, numismática, filatelia, malacologia, taquidermia, astrologia, entre outros, que, aos poucos, as ciências as enquadram na área museológica.

A existência de museus tecnicamente estruturados, com tecnologias com efeitos especiais e de grandes processos de comunicação – modernamente estruturas virtuais – é um fenômeno recente. Segundo registros, têm início ao raiar do século XVII em Portugal e na Espanha e se difundem rapidamente pelo mundo em meados do século XIX.

Mais recentemente surgem as tentativas científicas de classificar os museus por temáticas tais como Museu Histórico, Etnológico, Etnográfico, Antropológico, Arqueológico, Ciências Naturais, Sociológicos, Regionais, de Arte ou Belas Artes, Artesanato, entre outros. A cada instante são propostas novas linhas como um processo natural e amparado em sólidos argumentos e objetivos.

NOVA MUSEOLOGIA E OS ECOMUSEUS

O nascimento de um novo pensamento na Museologia, a partir dos anos 1960 e 1970 está ligado aos diversos movimentos políticos que eclodiam no cenário internacional e começaram a desestabilizar o sistema de pensamentos no setor dos museus. Esses movimentos estavam ligados à busca de direitos pela liberdade de diversas minorias e direitos, na busca por identidades nacionais e locais, acompanharam movimentos nacionalistas que emergiam em países colonizados que haviam se tornado independentes recentemente; e ainda a influência de pensadores ativistas revolucionários. Com isso essas influências pouco a pouco alcançaram a fronteira dos museus.

No início dos anos 1980 surge então, uma nova corrente no mundo dos museus, a chamada “Nova Museologia” que vem trazer como base na sua discussão os conflitos e contradições marcados nas décadas de 1960 e 1970.

De acordo com Maria Célia Teixeira Moura Santos (SANTOS, 2001, p.94), a nova museologia tem um caráter transformador, contestador e criativo buscando ajustar as práticas museais às reais necessidades dos cidadãos, por meio da participação e visando o desenvolvimento social da

área onde está inserido. Para Varine-Bohan (VARINE-BOHAN, 1985, p.185), os museólogos estavam na busca para a renovação dos museus, para tornar um instrumento de serviço da sociedade:

“ansiosos y apasionadamente abocada a la búsqueda de una renovación del museo afirmado como un instrumento necesario al servicio de la sociedad: un patrimonio global. El hombre entero en la naturaleza entera, antes y ahora, pero sobre todo la búsqueda de su futuro y de los instrumentos intelectuales y materiales que le permitan dominarlo.(...).El camino que lleva a la totalidad del hombre y a todos los aspectos de la aventura humana, antigua y contemporánea, a través de la utilización del único lenguaje que trasciende las diferencias culturales, el lenguaje del objeto, el lenguaje de la cosa real. Correspondía a Museum reunir esta pruebas concluyentes de la vitalidad de la institución y de la creatividad de sus profesionales.”

No caminhar da história dos museus, a mais recente classificação, denominada **ECOMUSEU** nasce cerca de quarenta anos atrás, na França. Como descreve Bruno Soares (SOARES, 2006, p.8)

“A terminologia “Ecomuseu” surge, segundo Varine, na Avenida de Ségur (Paris), em 1971, onde almoçavam Rivière, ex-diretor e conselheiro permanente do ICOM, Serge Antoine, Conselheiro do Ministro do meio ambiente, e o próprio Varine, então diretor do ICOM. Nascia, desta reunião, a nova terminologia como uma tentativa de mostrar ao Conselheiro do Ministro francês do meio ambiente a importância da instituição museológica para a atualidade da época, tendo em vista a crise que o modelo de museu imperante atravessava então. Tanto Varine quanto Rivière tentavam fazer combinações de letras que giravam entre as palavras chaves “ecologia” e “museu”. Em uma das tentativas nasce a palavra “Ecomuseu”, a qual agradou bastante a Antoine que, junto aos outros presentes, organizava a IX Conferência Geral do Conselho Internacional de Museus, que aconteceria no mesmo ano em Paris, Dijon e Grenoble. O então Ministro do Meio Ambiente, R. Poujade, em setembro de 1971, em Dijon, na presença de centenas de profissionais de museus de todo o mundo, anunciou oficialmente a nova proposta museológica, fazendo nascer o novo termo que designava um novo museu – de origem, a princípio, européia.”

Para chegar ao que foi considerado por Varine-Bohan, de Ecomuseu, primeiramente foram observadas uma série de práticas para depois ser construído o conceito por diversos teóricos, principalmente por Georges Henri Rivière em *“Definição evolutiva do Ecomuseu”*.

As práticas observadas foram o primeiro museu a céu aberto fundado em 1873, em Estocolmo onde o sueco Hazelius cria o Nordiska Museet, que tem por objetivo mostrar o conceito de civilização nórdica, estendendo-se dos Alpes à Lapônia. Para assim demonstrar tudo o que há em um território em seu cotidiano, dando lugar a uma nova forma de museu: o museu a céu aberto, museu aberto opondo-se aqui ao museu coberto e fechado entre muros, e em salas fechadas. No ano de 1891, abre-se também em Estocolmo, no parque de Skansen um museu de nova tipologia, onde é possível visitar diversos tipos de construções rurais, uma igreja, moinhos, ateliers de trabalhos manuais espalhados no meio de um parque botânico e zoológico, que tem como objetivo

representar antigas vilas na Suécia. (SOARES, 2007, p. 04)

Em 1895 é fundado em Oslo o *Norsk Folkemuseum*, um museu ao ar livre que mostra a cultura urbana e rural e promove conhecimento, compreensão e tolerância com a diversidade histórica e cultural, pois foi criado no quadro político de lutas contra a Suécia, que havia se proclamado independente da Noruega.

A criação em 1967 dos Parques Natural de Lantes permitiu a Rivière adaptar ao contexto francês os museus escandinavos ao ar livre, modificando o modelo inicial: não se trataria de se circundar edifícios de um lugar criado artificialmente, nem de reconstituir espaços da forma que eles existiram realmente.

Por ser uma tipologia relativamente nova, ainda não apresenta uma conceituação consolidada e, por isso, seu emprego gera controvérsias e resistências. Há inclusive colocações não admitindo o seu uso. Assim como afirma Hughes de Varine-Bohan (VARINE-BOHAN, 1985 p.185),

“A mí, que - casi por casualidad- inventé el vocablo “ecomuseo”, su destino me resulta difícilmente comprensible. En cuanto a su contenido, a pesar de los esfuerzos de Georges Henri Rivière por darle una forma y una significación, varía de un sitio al otro, de centro de interpretación a instrumento de desarrollo, de museo-parque a museo artesanal, de conservatorio etnológico a centro de cultura industrial.”

Tudo leva a crer que como vivemos um momento universal com respeito aos estudos da ecologia e as ações de preservação e defesa de ecossistemas, o designativo ecomuseu possa ser aplicado para uma larga faixa de situações concretas.

Nos modernos estudos a ecologia toma força especialmente em relação aos sistemas naturais. A palavra ecologia foi cunhada pelo biólogo alemão Ernst Haeckel em 1878 para designar o estudo das relações entre organismos vivos e o meio ambiente. Mas, não há como deixar de considerar os ecossistemas culturais, os modos de viver, sentir, simbolizar e fazer das sociedades, isto é seu *mundo cultural* com destaque para certas comunidades cuja estrutura endógena, tanto material como imaterial, mereça uma atenção preservativa, documental e memorial.

De outro lado, o verbete ecomuseu é tão recente que nos dicionários ele está ausente, e, nem mesmo é referido qualquer ecomuseu em enciclopédias universais que se preocupam, nas mais das vezes, com ideias, realidades e conceitos amplos sobre museus.

Trata-se, por isso, a expressão **ecomuseu**, de um neologismo relativo à área museológica e que tem por função epistemológica a identificar um acervo eco-cultural que tenha relações com ecossistemas.

Há, nesse conceito, implícito propósito de preservação e colocação de amostras para comunicação, instrução, memória, lazer, pesquisa e atração turística de específicos acervos ecológicos.

Mas, qual a origem da aplicação desse designativo de tipologia museológica?

Em Portugal, depois da revolução de abril de 1974, multiplicaram-se as iniciativas culturais, dentro da perspectiva do pluralismo cultural. Os museus locais se beneficiaram com a gestão democrática das comunidades e se tornaram ferramentas importantes para o desenvolvimento delas. Transcrevendo um resumo inserido no folder ilustrativo do primeiro Ecomuseu constituído em Portugal, o Ecomuseu Municipal de Seixal, poder-se-á ter uma ideia sobre o tema:

“Em 2 de novembro de 1979, a Câmara Municipal do Seixal deliberou adquirir o Moinho de Corroios, quer para salvaguardar o monumento industrial, como ainda para o tornar acessível à comunidade com o objetivo de conhecer um dos sistemas de moagem tradicional.

Em 6 de novembro de 1986, após as obras de recuperação levadas a cabo pela Câmara Municipal do Seixal, o Moinho de Corroios é transformado em Núcleo do Patrimônio Industrial do Ecomuseu Municipal do Seixal, conservando-o em funcionamento e ao mesmo tempo, privilegiando os objetivos didáticos”.

Partindo daí, vários outros museus passaram também ser designados de Ecomuseu, e em alguns deles aplicando o termo e a classificação seguindo outro modelo, quando em 1989 é organizado o Ecomuseu de Piemonte, na Itália, uma comunidade aos pés da região norte e montanhosa nos Alpes daquele país, e buscando ter como foco a preservação de uma vila.

Verdadeiros museus ecossistêmicos são determinadas vilas, cidades ou povoações primitivas cujo conjunto de traçado urbano singular registram épocas ou etapas evolutivas das organizações societárias dos homens urbanos. Entretanto, poder-se-á aplicar, também, tal raciocínio para conjuntos rurais.

O ecomuseu é um instrumento que pode ser usado como uma parceria entre o poder político e a população. O estado coloca à disposição da comunidade os técnicos, as instalações e os recursos; e a população entra com suas vontades e com seus conhecimentos do patrimônio imaterial (COELHO, 1997, p.156).

A relação entre o meio natural e cultural que rodeia o ecomuseu é um dos seus princípios fundamentais, e essa relação deve refletir o desenvolvimento cultural e econômico da região em que ele está inserido. Com isso podemos definir uma região não por limites administrativos e sim pela homogeneidade de tradições culturais e de vida econômica. E por isso

o ecomuseu deve contar com o apoio e colaboração da população e ser o resultado do desejo dessa mesma população de explorar, documentar e compreender sua própria evolução. Deve, ainda, levar a população a se interessar por sua própria região, por sua cultura e a assumir a responsabilidade pelo seu futuro. (COELHO, 1997, p.158)

Os principais modelos de ecomuseus estão situados na França, em Portugal e no Canadá, en-

tretanto em outros países o termo pode assumir diversos nomes como museu etnológico, centro de cultura industrial, centro de interpretação, museu-parque e museu artesanal.

ECOMUSEUS VERSUS MUSEUS TRADICIONAIS

O objetivo central dos museus está relacionado com as ações de conservar, investigar e difundir o patrimônio natural e cultural. Associados a estes objetivos estão os de educar e fazer desfrutar. O museu também pode ser definido pelas suas funções: As funções mais clássicas são as de colecionar, conservar e exibir.

Na atualidade, as definições “clássicas” de museu têm mudado muito, já que antes a definição era muito rígida e não permitia um critério uniforme para a classificação da enorme variedade de museus existentes: museus de arte, arqueologia, história, ciências naturais, tecnologia, etnografia, etnologia e antropologia; museus locais, regionais, nacionais, mundiais; museus públicos, museus privados.

As diferenças entre o “museu” e o “ecomuseu” podem ser baseadas nas definições da “Nova Museologia” onde, se identifica uma nova preocupação com o público e com a forma como o espaço se dirige ao público. Uma preocupação que não se foca na quantidade de público, mas sim na qualidade na interação que possa haver entre o indivíduo e o objeto.

O ponto de interesse comum a todos os museus é, portanto o patrimônio cultural e natural. Atualmente muitos museus têm passado a ser um instrumento fundamental do desenvolvimento local, através da sua exploração turística.

Mas o ecomuseu, esse “novo museu” é diferente do “museu” tradicional em três vértices. Uma vertente é o realce dado ao território, seja meio ambiente ou local, em vez de se realçar o prédio institucional. Outro ponto está na ênfase colocada no patrimônio, em vez de ser dada à coleção e por fim, a importância dada comunidade em oposição ao enfoque dado aos visitantes nos museus tradicionais.

O ecomuseu é uma representação no qual a população se contempla para reconhecer-se, no qual busca a explicação do território no qual está enraizada e onde viveram povos que a precederam, na continuidade ou descontinuidade das gerações. É uma expressão do homem em relação à natureza que o cerca. É uma expressão do tempo, pois estabelece a ligação entre as gerações precedentes e as posteriores.

A coleção do ecomuseu é composta por tudo o que existir no território e tudo o que pertencer aos habitantes, tanto material quanto imaterial, móvel ou imóvel. É um patrimônio vivo, em constante mudança e em criação constante, que pertence aos indivíduos, famílias, pequenas comunidades. As equipes de ação cultural e de pesquisa podem se utilizar dessa coleção na medida de suas necessidades. A aquisição desse patrimônio não deve acontecer a não ser em casos de abandono ou perigo de alienação, o que é prejudicial para a comunidade. Essa é só uma solução eventual e a

coleção própria do museu, no sentido institucional, não pode ser um fim em si mesma. (COELHO, 1997, p.156)

ECOMUSEU DO RIBEIRÃO DA ILHA

Em Florianópolis, Santa Catarina, Brasil o primeiro museu surgiu durante o Império no Reinado de Dom Pedro II, que através de Decreto instituiu o MUSEU PROVINCIAL DE DESTERRO, em 1868, e esteve montado em prédio próprio na Praça do Recreio, hoje Praça Pereira e Oliveira. Foi ele, no início do século XX (1906), desmontado para, no belo prédio especialmente construído para o Museu Provincial, a instalação do Tribunal de Justiça criado no advento da República. O acervo deste museu, em parte, foi parar no Colégio dos Jesuítas, Colégio Catarinense, onde permanece até hoje.

O Ecomuseu do Ribeirão da Ilha foi fundado em 01 de julho de 1971 pelo Professor Nereu do Vale Pereira com apoio da comunidade e tem por objetivo conservar no seu estilo rústico, uma propriedade rural – casa de morada – 1793. Com terreno, chácara, quintal, área de produção junto às edificações como o Engenho de Farinha de Mandioca e demais recursos produtivos. Um dos principais objetivos do ecomuseu é a preservação do ecossistema local, um espaço museal onde se pode conhecer um orquidário, com a espécie dominante, a flor símbolo da Ilha de Santa Catarina a *Laelia Purpurata*.

Por estar o Museu, montado dentro de um ecossistema sócio-econômico-cultural, associando a comunidade circunvizinha, veio em 1982 a denominar-se de ECOMUSEU DO RIBEIRÃO DA ILHA.

Os sistemas de produção dessa casa rural açoriana do Ribeirão da Ilha, e em especial o singular Engenho de Farinha de Mandioca, se tratava de um monumento tradicional, muito parecido com a experiência museológica do Ecomuseu Municipal de Seixal, e a denominação de ECOMUSEU, era pertinente, pois até então era designado por museu etnológico. Foi uma nova denominação, e a primeira no Brasil.

Retomando o que se refira ao Ecomuseu do Ribeirão da Ilha, além dele estar preservando um determinado e singular exemplo de tecnologia tradicional no fabrico da farinha de mandioca busca ir ao encontro de um outro, qual seja o de preservar um ecossistema de vida e de trabalho e viver. Formas de fazer, sentir, pensar e simbolizar, onde o colonizador açoriano organizou os seus espaços vivenciais e laborais ajustando-os às circunstâncias da natureza. Como sua tecnologia, ou recursos técnicos construtivos eram insipientes e primários, suas edificações se ajustaram as características ambientais e não recorrendo aos modernos processos de para transformar as formas naturais ajustando-as ao projeto.

O Ecomuseu do Ribeirão da Ilha integra as funções elementares de documentação, investigação e interpretação dos valores culturais e naturais do distrito do Ribeirão da Ilha, deste modo,

contribui para reforçar a identidade cultural desta comunidade, revitalizando a relação desta com o seu espaço geográfico (“espaço humanizado”). As funções elementares de conservação do acervo e de interpretação devem extravasar as próprias paredes da instituição, estimulando uma atitude participativa nas pessoas e nas instituições locais e despertando nelas o sentido de pertencente ao território. Para o Ecomuseu é a própria comunidade e o modelo de ocupação e de relação da comunidade com o seu território, que constituem elementos centrais de intervenção, conferindo-lhes a função de acervo museológico. Admite-se como condição fundamental da salvaguarda deste acervo, a sua vitalidade e a capacidade de auto sustentar alguns novos desafios no sentido da qualificação da vida das populações da sustentabilidade deste território e da viabilização de atividades de foro econômico.

O grande problema enfrentado pelo Ecomuseu do Ribeirão da Ilha é a falta de participação da comunidade, apesar de sua criação ter sido feita através de um esforço entre o Professor Nereu do Vale Pereira e a comunidade local. Entretanto com o passar dos anos um distanciamento entre instituição e comunidade se tornou visível e sem o apoio de organismos públicos o ecomuseu acabou perdendo essa característica de museu integrado na comunidade local. Essa não é apenas uma dificuldade deste ecomuseu específico, mas muitos ecomuseus sofrem com a falta da participação popular, seja ela por falta de recursos financeiros como por falta de uma política que atraia a comunidade para dentro da instituição.

CONCLUSÃO

São duas as vertentes que iniciaram essa nova tipologia de museu, uma que se refira a um ecossistema produtivo e industrial e um outro identificando a museografia de uma comunidade com suas estruturas singulares, históricas e, em alguns casos, identificadora de novas formas culturais.

Varine-Bohan considera que o Novo Museu evidencia o território (meio ambiente ou sítio), em vez de enfatizar o prédio institucional em si, o patrimônio como um todo e não apenas a coleção, a comunidade em que está inserido o museu, em vez de somente seus visitantes (VARINE-BOHAN, 1985, p.185). Em todo caso, é o território que define e comumente nomeia o museu, mais do que o título de “Ecomuseu”. Não pode haver um modelo para este Novo Museu (ou Ecomuseu). Ele é um estado mental e uma forma de aproximação que acarreta um processo construtivo “enraizado no território”. Oferecem instrumentos de reflexão e estudo que ajudam as populações e o governo local a resolver os problemas que encontram e a descobrir os recursos econômicos, energéticos, tecnológicos, turísticos e culturais da região, além de apenas constituírem uma coleção.

Georges Henri Rivière formalizou o conceito do ecomuseu como o museu do homem em seu meio ambiente, o museu que a população de um dado território cria como meio de auto-reconhecimento, assistida por uma equipe técnica. É onde ela apresenta, a si mesma e aos visitantes, sua

evolução a partir do tempo mais longínquo. (COELHO, 1997, p.158)

Peter Davis estabelece que a origem dos ecomuseus está pautada com o ambientalismo, o resgate e a preservação do meio ambiente onde vivem os seres humanos. Para ele os ecomuseu “are dedicated primarily to the interpretation and conservation of the natural environment, the they promote the wise use of resources, or that they are an extension of the natural history museum.” (DAVIS, 1992, p.03)

Uma vez estabelecida a base teórica e os seus princípios fundamentais, os Ecomuseu não tem um modelo fixo e estático, ao contrário, está sujeito a mudanças e adaptações que dependem da forma que a sociedade em que está inserido irá conduzi-lo e compartilhá-lo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COELHO, Teixeira. Dicionário Crítico de Política Cultural. São Paulo: ILUMINURAS: FAPESP, 1997.

DAVIS, Peter. 1999, Ecomuseums: a sense of place, Leicester University Press.

ICOM. Definição Museus. Disponível em: <http://icom.museum/the-vision/museum-definition/>
Acesso em: 10 de agosto de 2014.

RIVIÈRE, Georges Henri. Definición evolutiva del ecomuseo. in Revista Museum, vol. XXXVII, nº148. Imágenes del ecomuseo. Paris. Unesco, 1985.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. Reflexões sobre a Nova Museologia. Revista do Museu Antropológico da UFG. Goiânia: CEGRAFG; v. 1, n.1, 1992, e v. 5/6, n. 1, jan. / dez. 2001/2002.

SOARES, Bruno César Brulon. Entendendo o Ecomuseu: uma nova forma de pensar a Museologia, in Revista “Eletrônica Jovem Museologia – Estudos sobre Museus, Museologia e Patrimônio” Ano 01, nº. 02. Agosto 2006.

_____. O novo museu na América Latina: novos paradigmas para uma Nova Museologia. In Anais VIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. Salvador: 2007

VARINE-BOHAN, Hugues de. El ecomuseo, más allá de la palabra. Revista Museum, vol. XXXVII, nº148. Imágenes del ecomuseo. Paris: Unesco, 1985.

